

Quaglia

OURO E VIOLETA -

35-366

Rubem Braga

NAO tenho em casa o diário de Delacroix para poder citar o trecho. Portinari gostava muito de citar essa passagem do grande pintor romântico.

Delacroix estava acabando um quadro quando sentiu que em determinado pedaço a cor que pusera não estava combinando muito bem com o resto. Perturbava, desentoava, desvalorizava a outra cor. Delacroix lembrou-se então de que vira, no Louvre, um quadro de mestre — Poussin, creio eu — em que aquela cor, o amarelo, era realçada de maneira esplêndida por uma outra.

Parou de pintar e resolveu ir ao Louvre. Mandou vir uma carruagem. Quando desceu a escada, viu lá embaixo, ao sol, a carruagem amarela, e sua sombra: a sombra era violeta. «E' isto!» — exclamou — e dispensou a carruagem.

Muito antes de saber essa história eu já dissera a uma jovem de longos cabelos louros, que naquele tempo eu adorava, que não usasse mais aquela blusa roxa: era uma covardia. Coisas de rapaz. E me lembro de tudo isso hoje porque me chegou em casa um quadro de Quaglia.

Esse pintor baiano foi, algum tempo, funcionário do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em São João del Rei. Cismou, então, de introduzir em sua pintura aquêlo ouro que via em certos santos barrocos. «Apanhei muito — me disse êle — até acertar o processo». A verdade é que acertou. Este quadro que está em minha frente é uma figura de mulher. Todo o busto é coberto por uma espécie de panejamento dourado. Ao lado dêsse ouro, Quaglia fêz uma zona violeta. A qualidade extremamente boa da pintura, o matizamento sábio dos tons tira tudo o que poderia dar um efeito fácil ou barato a êsse contraste.

O quadro me chegou ontem à noite. A luz elétrica ordinária não lhe faz justiça: ou o dourado brilha demais, se o ângulo permite reflexo, ou o amarelo da luz o desmerece. Mas agora, pela manhã, êle é magnífico. O ouro adquire aquêlo prestígio inigualável, imemorial, que o ouro tem: algo de sagrado e de suntuoso; e o violeta tem a graça triste e viva de uma quaresmeira florida.

Pintura é certamente uma coisa muito mais sutil do que tudo o que se possa contar com palavras. (E, por falar nisso, jamais li um poema tão belo e pertinente sobre pintura como aquêlo que José Paulo Moreira da Fonseca publicou no último suplemento literário do «Diário de Notícias»). Mas se não posso «contar» o quadro, conto o prazer que êle me trouxe, uma volúpia superior, uma felicidade dos sentidos e do espírito. E esta môça louca, esta eu não a perderei...